

O Dr. Andrés de Laguna, moralista e filósofo

por

A. Pires de Lima

Director del Instituto de Botánica «Dr. Gonçalo Sampaio»,
da Universidade do Porto.

Ao falar no grande médico espanhol do século XVI, não pretendo, nem me sinto capaz de fazer o estudo crítico da sua notável e vastíssima obra literária e científica. Aliás, esse estudo já está feito, entre outros, pelo nosso eminente historiador da medicina peninsular, o Prof. Maximiano de Lemos.

Como se desse o caso, há poucos anos, de ter de estudar a botica de bordo do grande navegador Fernão de Magalhães, vi-me obrigado a lançar mão de várias autoridades, para poder analisar e interpretar aquela Botica. Uma das obras, que mais serviços me prestou nesse particular, foram os Comentários de Laguna à Matéria Médica de Dioscórides, na qual pude admirar a larga erudição e os vastíssimos conhecimentos médico-botânicos do autor. Mas, a par do homem de ciência, não admirei menos o humanista, com a sua cultura clássica, a sua filosofia, ora pessimista, ora bem humorada, a sua fina ironia, a sua moral sã, o seu robusto bom senso. Logo me nasceu o desejo de salientar esse aspecto dos célebres Comentários de Laguna.

Surgiu agora a oportunidade, pois, nada mais apropriado, em meu entender, do que trazer um grande espanhol do século XVI a esta homenagem prestada a outro grande espanhol do século XVIII.

Laguna viveu ardentemente uma das épocas mais perturbadas e confusas desta nossa velha, trágica e infeliz Europa; época, aliás, com muitos pontos de semelhança com aquela que estamos vivendo. Por isso, as suas observações e os seus Comentários têm muitas vezes um sabor de perfeita actualidade. De resto, variaram profundamente os meios e as técnicas, mas o mesmo não sucedeu, muito pelo contrário, com a natureza, a condição, e o espírito do homem.

Laguna, quando não participou no grande drama como autor, observou-o como espectador crítico e atento. Não lhe faltou o mais favorável posto de observação, pois conviveu intimamente com alguns

potentados espirituais e temporais, desde o papa Júlio III, até ao imperador Carlos V, aos quais tratou como médico, e, assim, teve o privilégio de conhecer por dentro e por fora.

Bem qualificada testemunha, portanto.

Profundo conhecedor da vida e dos homens, merece bem a pena desenterrar alguns lugares selectos das velhas páginas do seu «Dioscórides».

Laguna não perdoa aos médicos incompetentes os seus malefícios: «mirad, pues, en que peligro estan nuestras vidas, pendientes del alvedrio de algunos idiotas, que en lugar de remedio confortativo os dan muy eficaz ponçoña..... En estos pues y en otros muchos mas errores, caen ciertos infortunados, que con hazer profession de medicos, son tan ignorantes de la Historia Medicinal, que si les preguntays del Myrabolano que es, os diran que cebolla albarrana: y con todo esto los vereys andar por las calles muy entonados, y llenos todos de anillos, como de tropheos y despojos de los tristes que derribaron: en los quales, si bien los esquadriñays debaxo de aquellas ropas, no hallareys sino desvergüenza y atrevimiento, fundado en la demasiada credulidad de los populares.»

Não se pode dizer que este quadro seja muito favorecido, ou que a solidariedade profissional impeça ou atenua a severidade da justiceira condenação. Não menos é de notar a tenaz persistência da credulidade popular nas virtudes dos charlatães.

Mas Laguna não se limita à crítica destrutiva, antes procura apontar remédios para o mal.

«..... Ansi que de los tales medicos no menos se deve huir que de la pestilentia..... muestra España, que si en alguna parte los ay ella cierto contiene en si muchos Medicos y Botánicos excellentissimos, los quales harian muy gran ventaja à todos del mundo universal, si con las otras gratias y virtudes que tienen, se diessen un poco à la cognition de la Materia Medicinal.....»

Também hoje há muitos médicos excelentíssimos, mas que, tal qual como os contemporâneos de Laguna, levariam vantagem a todos do mundo Universal, se sedessem mais um pouco ao estudo da Matéria Médica; infelizmente prestam muito mais atenção às drogas sintéticas fornecidas pela grande indústria química, e, principalmente, às especialidades farmacêuticas.

Mas continuemos a seguir Laguna, ao longo do seu Prefácio:

«Mas à ninguno sirve tanto el peregrinar, como al medico: dado que muy pocos d'ellos son los que peregrinan: pues les parece que bastan tres ò quatro solecismos, ò barbarismos, que aprendieron en la universidad mas vezina, con otras tantas receptas rancias, para irse corriendo sangre à azer continua y capital guerra à la patria..... Y

cierto seria un decreto muy util y saluberrimo à la Republica, que ningun medico salido reziente y fresco de los estudios, pudiesse medicar en el reyno, sin primero haverse ensayado seys o siete años en tierras estrangeras y de enemigos..... Y ansi acontece que quando al cabo de su vejez aciertan de dar vida y salud à un negro, ya tienen despachados de contadores, y puestos en cobro, quiero decir en sagrado, mas de diez mil ciudadanos.»

É por demais pejorativa e mordaz a crítica feita por Laguna aos seus jovens colegas. Isso seria tomado hoje por una grave falta deontológica. Ninguém hoje aceitaria a distinção perante um médico, entre doentes amigos e doentes inimigos. Mesmo estes últimos não seriam tão néscios que se prestassem ao papel de cobaios nas mãos dos galenos incipientes, no caso de, realmente, eles serem tão mortíferos como inculca Laguna. Mas, ainda hoje, é axiomática a vantagem, que aos médicos novatos, e aos outros trazem as viagens ou *peregrinações*. Ainda hoje, como sempre, é um problema angustiante, mas ainda sem solução prática, o do treino complementar dos médicos, por meio de um estágio ou coisa parecida.

Agora, um sinal dos tempos:

«Porque entonces los hombres doctos, dedicavan sus trabajos ò à Principes excelentes, ò à Varones en virtud y doctrina encumbrados: no à los idiotas ricos, y caudalosos como hacen algunos escritores de nuestros tiempos, que guiados de la cobdicia execrable, y pēsando sacar algo dellos, suelen offerecer à los puercos perólas, y à los cuervos (como dizen) unguentos preciosos: de los quales en pago de su baxeza, las mas vezes quedan burlados. Porque como quieren por letras recibir merced y premio de aquellos, que las huyen como veneno, y las tienen capital odio.»

Também hoje há idiotas ricos e *caudalosos*, a quem alguns letrados fazem uma corte indiscreta, que lhes é paga em moeda de desprezo.

Interesaante é a informação encontrada na página 6: «Por esso los que quieren que se conserve (o vinho), y que sea mas fuerte y gallardo, antes que encierren el mosto, lo cuezen en unas grandes calderas».

Ora isto parece-se muito com uma pasteurização *avant la lettre*.

Sobre o célebre *bálsamo* e os judeus da-nos alguns conceitos saborosos:

«Entre otras muchas señales, de las quales consta el especial amor que Dios tuvo al pueblo Judaico, es esta una, que en sola Judea, y en la vezina parte de Egypto, produjo el Balsamo, ciertamente la mas generosa planta, que nacio, ni nacera jamas, para la salud y conservacion del linage humano. El qual tan singular beneficio en gente tan ingrata y perversa, fue sin dubda mal empleado. Pues donde convertido el amor en odio, y los regalos en duros palos y açotes, con cient

mil persecuciones y afanes les dio despues Dios à los Judios el pago, que por su ingratitude merecieron. Por que dexadas otras ruinas y desolaciones à parte, la riça que en ellos hizo el exercito de los Vespasianos Emperadores, les dio claramente à entender, que la Divina Justitia viene siempre por sus passos contados.»

Tal era a importância dada pelos Judeus ao bálsamo, que, segundo Plínio, não só degolavam as mulheres e os filhos, como procuravam destruir todas as árvores produtoras daquele precioso remédio, a fim de não caírem nas mãos dos inimigos.

A propósito de *Cyphi*, que, segundo Dioscórides, era uma composição de perfume dedicada aos deuses egípcios, diz Laguna (pág. 31):

«Muy materiales eran aquellos dioses de los Egypcios, pues se holgavan con humo à narizes, mas que con coraçones contritos y atribulados: los quales à Dios fueron siempre sacrificio muy agradable».

Sobre a mirra, diz-nos (pág. 47):

«Es verdad que de la perfectissima Myrra, yo vi un pedaço en Venetia, en la especeria de la corona: adonde la tenian mas para muestra, que para dispensarla, ò venderla: como hazen los taverneros, que os muestran un vino, y despues os venden vinagre».

Por aqui se avalia a confiança que mereciam as drogas exóticas.

Sobre Bdélio (pág. 49):

«Descubrio la luxuria humana esta planta, como otras muchas: y dio la tanta reputacion y credito, que es muy estimada por todas partes y se trahe ya ordinariamente à los mercados de Roma. Porque no era justo, que la reyna de los deleytes, y albergue de todos los regalos del mundo, careciesse duna: golosina tan agradable à Madona Venus..... Quanto à la natura y facultad d'esta planta, no se ofrece que dezir otra cosa, sino que despierta la virtud genital, y es propia para holgazanes: en lo demas, puedese por ella dezir, lo que dixo el diablo quando tresquilava los puercos, poca lana y mucho ruido, visto que trahe mucho embaraço consigo, y poco mantenimiento.»

Por aqui se adivinha o paganismo reinante na Roma do Renascimento: rainha dos deleites, albergue de todos os regalos do mundo, *habitat* predilecto dos folgazões.....

A propósito da planta *Halimo* (pág. 74):

«La qual pues tiene tanta virtud de hartar sin mas los hambrientos, devrian algunos de nuestros reverendissimos, embiar aun d'Egypto por ella, para con su presentia desterrar la cruel hambre de sus tinelos».

Lástima é que o precioso *halimo* tenha perdido a sua extraordinária

virtude, ou que este ensinamento de Laguna esteja tão esquecido nestes calamitosos tempos.

A propósito do guáyaco (pág. 81):

«..... aquel bendito y sancto madero llamado vulgarmente Guayaco, el qual por la divina bondad y misericordia, fue comunicado à los hombres. Porque dado que Dios todo poderoso, por nuestras maldades y excessos nos castiga cõ infinitas enfermedades, todavia como padre piadoso, para que no nos desesperemos, juntamente con cada una dellas nos da subito el congruente remedio. Pues como sea ansi, que el grande e excessivo desorden de nuestros tiempos, aya aquistado un nuevo genero de enfermedad contagiosa, llamada communmente mal de bubas, y no conocida de los antiguos: quiso aquel Protomedico excellentissimo, y Rector del mundo universo, contra ella socorrernos con esta nueva especie de Ebano.....»

Sobre dietas (pág. 82):

«Lo que toca al modo de alimentar el enfermo, no soy de aquellos que le consumen con dieta: los quales juntamente con las dolores, extirpan muchas vezes el anima..... Estos son los que infaman las medicinas por no saber usar dellas.»

Certamente, para o seu tempo, estava Laguna cheio de razão, o continuou a te-la por esses séculos além. Quantas barbaridades feitas en nome da dieta, com os mais nefastos resultados. Ainda não há muitos anos, aos doentes febris era prohibido beber água! Ainda presentemente, quantas avitaminoses provocadas por uma dieta excessiva e prolongada!

Sobre remédios novos (pág. 83):

«Empero descubrese cada dia tanta variedad de remedios peregrinos y estraños, que los enfermos caytados ya no osan curarse, y estan suspensos, como el otro desnudo y muerto de frio, que trahia sobre el hombro no se cuantas varas de paño, hasta ver en que paran los trages».

Que diria Laguna hoje dos remédios novos, se voltasse à vida? Quanto à indecisão dos doentes, coitados, é que ele acharia grande mudança. Quando o médico não se apressa a dar-lhe as últimas novidades (sulfamidas e quejandos), é o proprio doente que se adianta e toma a iniciativa de se vestir pelo último figurino. Quer dizer: a credulidade e a inconsciência do vulgo têm crecido paralelamente com o decorrer dos séculos.

Sobre natalidade (pág. 91):

«Porque ansi las plantas sylvestres, como las rusticas y campesinas mugeres, suelen ser más fecundas que las urbanas dõde consta que el

regalo y vicio comunmente engendran esterilidad. Y ansi vemos que los principes y grandes señores, criados en toda la delicadez del mundo & (como dizen) con agujeros, hazen muy pocos hijos, y esos flacos, tiernos, cuytadillos, y de muy corta vida.»

Dizia isto Laguna há quatro séculos..... E ainda hoje, este problema é considerado de candente actualidade pelos sociólogos modernos. Talvez eles o estudem com mais precisão e rigor científico, à luz dos dados estatísticos. Quanto a remédios, ficarão mais ou menos platónicos, como sempre que se pretende vergar e adaptar a mãe natureza aos nossos vícios ou artificios.

Sobre modas femininas (pág. 93):

«.....y tiene (o sobreiro) la corteza sin comparation mas gruessa: de la qual se hazen aquellos andamios, que en Castilla suelen llamarse alcorques, para encubrir la baxuella disposition, que por suerte cupo à las hembras: y engañan à ciertos desventurados, que pensando llevar mugeres a casa, llevan desaforados corchos, con los cuales se sustentan, y no se vayan al fondo, en los muy peligrosos golfos y naufragios del matrimonio: de onde tomando occasion los Griegos, llamaron las mugeres cortezas de arboles».

Pois já as mulheres há quatro séculos usavam *desaforados* andaimos de cortiça; mas que espanta isso, se as gregas já faziam o mesmo, se é que a moda não apareceu no mundo precisamente quando apareceram as mulheres e a cortiça. O que não posso perdoar ao velho e rabugento Laguna é a pérfida falta de galanteria do ilustre médico, ao insinuar que aquellas graciosas peças de indumentária feminina deviam ser tomadas como una espécie de bóias que as não deixassem afogar no proceloso mar do matrimónio. Quanto às actuais, aquela descortezia seria, além do mais, irracional, porquanto a exguidade das saias permite avaliar perfeitamente a altura dos *andaimos*.

As viúvas e as palmeiras (pág. 87):

«Las Palmas hembras no producen jamas su fructo, si no tienen cerca de si el macho: & si à caso se le cortan, ò el de si mismo se muere, para siempre quedã esteriles, y siendoles enojosa la vida, poco à poco se van secando: el qual exemplo si tuviessen delante los ojos continuamente las biudas, no tratarian de nuevas bodas, mientras duran los responsos y exequias de sus velados, como le hazen algunas dellas, que entierran à sus maridos oy & se casan mañana».

Que as palmeiras fémias, na falta dos machos, ficam estéreis, é perfeitamente exacto e natural. Ora, que elas morram de saudades, é manifesta patranha, diga-se em desagravo das viúvas, tão maisinadas por Laguna.

Homem, o pior dos animais (pág. 143), a propósito do uso dos perceijos na medicina:

«De suerte que no ay animal tan dañoso, que en alguna cosa no sirva al hombre, sino es el hombre: el qual una vez siendo malo, para nada es bueno sino solamente para verdugo de su linage».

Amargo péssimismo, triste filosofia; mas bem justificada pelos exemplos do passado e do presente.

Teias de aranha, peixe graúdo e miúdo (pág. 157):

«Sierven aquellas telas (de aranha) de estancia, & juntamente de redes, para detener los flacos mosquitos: porque los moscardones y abejonazos, con su insulto las rompen, & desbaratan, como suelen ordinariamente los ricos violar y romper las leyes».

Era, pelo visto, assim, no tempo de Laguna: O rodar dos séculos nao alterou grandemente nem a resistência das redes, nem o atrevimento do peixe graúdo.

As aranhas e a vã soberba humana (pág. 157):

«Nacio el linage de las arañas, de la soberbia y ambition de una mugercilla llamada Arachne, la qual como quisiesse competir cõ Minerva, en el arte del hilar y texer, & à la fin fuesse della vencida (porque cierto es un poco de Humo, todo quanto piensan saber los hombres, en comparation de la divina sapientia), condenaron pues su grande atrevimiento, y poco respecto, los dioses, que transformada en un animal muy suzio, & guardando su propio nombre, hilasse & texesse, mientras durasse el mondo: & ansi hila (como vemos) toda la vida: & quanto texe en un año la cuytadilla, viene despues un barrendero con una escoba, & se lo desbarata en un credo».

Muito haveria que dizer da vã soberba dos inumeráveis descendentes de Arachne. Se o Todo Poderoso fosse tão vingativo como os deuses da mitologia, em que tremendo jardim zoológico estaria transformado este mundo! Alguma coisa, porém, ficou da maldição antiga: tudo quanto o orgulho humano acumulou durante uma vida inteira, vem um espanador, e o desbarata em um credo.....

Daí, talvez o Todo Poderoso tenha adoptado uma fórmula diferente para castigar a soberba dos mortais: transformá-los em bichos, excepto na aparência exterior. Quantos andarão por esse mundo disfarçados: tigres, chacais, onagros, carneiros, raposas, camaleões de face humana!

Leite materno (pág. 163):

«Es sin comparation muy mejor y harto mas natural à cada criatura, la leche de su propia madre, que la peregrina y estraña. Por donde me parece digna de gran reprehension la muger, que..... solo

porque no se le estraguen los pechos lo entregan (o filho) sin ninguna piedad, a una vilana çafia, y à las vezes à una esclava, con diverso mantenimiento, la muda su natural cõplexion, y la de à mamar juntamente con la rustica leche, agrestes y salvages costübres.....»

O leite da mãe pertence ao filho é um aforismo basilar da puericultura moderna; pois Laguna já conhecia perfeitamente o seu alcance. Com toda a propriedade ele sabia que os maus contatos iniciais podem deixar, para a vida inteira, perniciosas consequências físicas, intelectuais e morais.

Terapêutica estercorária (pág. 174):

«Ved quan miserable y abatido usa ser el hombre, que aun del estiercol de los vilissimos animales, para bivar y conservarse, tiene necesidad».

Sem dúvida, uma das coisas mais surpreendentes e mais difíceis de interpretar na história da terapêutica é o prestígio de que gozaram as drogas mais extravagantes e mais repugnantes, como os excrementos de vários animais. Não menos surpreendente era a docilidade com que os doentes se submetiam a tão escabrosos tratamentos. É mesmo de crer que tais medicamentos actuassem mais por via psíquica do que por via física, tal o verdadeiro choque que deviam produzir. Como eu já disse um dia, estas aberrações fazem-nos cismar se o homem é realmente um anjo caído, ou um macaco aperfeiçoado.....

As abelhas e a ordem social (178):

«Puede tomar exemplo de las abejas toda la vida humana: conocido que en el gobierno, en la orden, en la solicitud, y finalmente en el artificio, nos llevan muy gran ventaja. Ansi que si las quisessemos imitar, sin dubda no havria tantos tahures, no tantos hombres inutiles y holgazanes, no tantos vagabundos y ociosos, en la Republica. Primeramente las abejas tienen un solo Rey, al qual con grandissimo respecto y acatamiento obedecen: y se à caso alguna vez se levantan muchos que conspiran sobre el Imperio, ellas haziendose à una, conspiran contra todos aquellos, que por fuerça y tirania piensan de dominar.....»

Laguna já se queixava da indisciplina social. Que diria ele hoje?

A cebola e as mulheres (pág. 231):

«Alcoholanse las mugeres con ella, quando no pudiendo llorar quieren provocar lagrimitas, para enternecer à sus asnos».

Laguna parece ter uma questão pessoal com as mulheres, pois não perde a menor ocasião para lhes fazer insinuações malévolas.....

O ranúnculo scelerado e o riso sardónico (pág. 251).

«.....si se come, ò se gusta (o ranúnculo), haze torcer la lengua y los labios: de onde vino à llamarse *Apium risus*: que es apio que constriñe à reyr; porque los que lo comen, se mueren riendo à regaña dientes, & mal de su grado. De aqui procede, que como esta planta se llame tambien *Sardonía*, porque crece por la mayor parte en Cerdeña, & haga reyr sin gana, todos traygan ja el *Riso Sardonía* en comun proverbio, entendiendo por el toda suerte de risa falsa que no nace de coraçõn».

Á medida que vae sendo expulso do mundo o *riso que nasce do coraçõn*, vai-se tornando de cada vez mais vulgar o *riso sardónico*, mesmo sem intervençõn do ranúnculo scelerado.

A hera e o vinho (pág. 256):

«Para conocer si esta agnado el vino, mãda *Caton* que le echemos en un vaso hecho de palo de yedra: porque el vino se colara por el (segun dize) y se quedara el agua clara: dado que mejor seria que se saliesse aquesta y nos restasse aquel puro».

É de notar que, ao fazer-se eco de alguma superstiçõn grosseira, embora abonada por alguma considerável autoridade, *Laguna* entrincheira-se prudentemente atrás de um *dizem*.

A celidõnia e as andorinhas (pág. 257):

«..... algunos para mas confirmarse en la virtud de la *Celidonia*, quiebran los ojos à los *golondrinillos*, & despues los dexan, para que sus madres los sanen con ella: aun que suelen por si solos, & sin remedio exterior, sanarse, si *Aristoteles* no nos vende *patrañas*».

É tradiçõn antiquíssima que as andorinhas usam a celidõnia (por isso chamada *erva andorinha*), para dar a vista aos filhos cegos. Mas se os olhos rebentados das andorinhas sãõ capazes de se curar espontâneamente é *patranha* que *Laguna* não pode digerir.

O ruibarbo e os bárbaros (pág. 260):

«Suelen aquellos *Barbaros* echar en infusion ansi el *Reobarbaro*, como el *Reopontico*; & despues exprimir dellos el *Anima*, quiero dezir el espiritu: & de tal expression apurada al *Sol*, hazer *trociscos* para purgar los *Principes*, embandones à nos otros las *rayzes* estrujadas, & sin virtud: por parecerles que hazen gran sacrificio à *Dios*, siempre que nos engañan».

Os bárbaros modernos não têm sequer o motivo religioso para dar uma sombra de justificaçõn às fraudes e sofisticações, de que sãõ objecto as plantas medicinais e tantas outras coizas.

A aristolóquia e a fama (pág. 266):

«Si fuesse conocida la virtud de la *Aristolouquia*, no andaria su partido tan baxo, ni se haria tanto caudal de la *China*, ni de la *çarça*

parrilla: porque cierto en facultad y en valor les haze muy gran ventaja. Empero hallase tambien suerte y fortuna entre las yervas y plantas, ansi como entre los hombres. Porque de la mesma manera que vemos algunos de los mortales, ser subidos, y exaltados sobre todos los otros, aun que no merecen el agua que beven: y otros por el contrario abatidos, y hollados entre los pies, à los quales por sus singulares partes se les podria confiar el gobierno de qualquiere insigne Republica: ni mas ni menos acontece à las plantas.»

Sobre os factos concretos, está Laguna cheio de razão; mas o mesmo não acontece pelo que respeita às causas do fenómeno; pois, quanto aos homens, a sorte costuma ser muitas vezes representada, ou, pelo menos, eficazmente ajudada por uma boa *claque*. Uma boa propaganda junto do *Homo sapiens* torna-o receptivo e apto a ingerir e a digerir os mais esdrúxulos conceitos, ideias ou doutrinas.

Cardos, burros e homens (pág. 273):

«Porque son tan inclinados à la gula los hombres, que no se contentando con ciēt mil generos de viandas, dedicadas al gusto humano, cada dia van inventando muchas otras peregrinas y estrañas: Y procede tan adelante la cosa, que aun los manjares propios de los asnos, quiero dezir los cardones, se usurpan».

A planta *Acanthia*, as rocas e as mulheres (pág. 275):

«..... la qual planta (*Acanthia*) si se hallasse en la Europa, baxaria el precio del algodón, y no sé haria tanto caudal de la tela de Calicud. Empero como por estas partes hilen de tan mala gana las hembras, y quieren antes embiar a las Indias por aquella suerte de tela, que hilarla y texerla en sus proprias casas, pareciolo à la naturaleza ser por de mas, y una cosa perdida, dexarles esta lanuginosa planta: Y ansi la devio transponer en otras regiones, adonde las mugeres no tienen tanta cuenta con las modas y affeytes, como con los husos y rocajeros».

A misoginia de Laguna é por demais lamentável, mas deve esclarecerse que ele escrevia em Roma.....

A planta *Ononis* e os burros (pág. 277):

«Onos quiere dezir asno en Griego: del qual nombre vino a llamarse esta planta *Ononide*, por que los asnos para rascarse, como no tienen quien les haja tan buena obra, suelen rebolarse sobre ella, por ser aspera y espinosa. Quadrare tambien el tal nombre, por que la comen de buena gana los mesmos: de suerte que la tal planta les sirve à sus Señorías de peyne y de mondadientes».

A gravidade de Laguna não raro dá lugar a estas tiradas de fino humorismo.

O visco e os caçadores (pág. 331):

«No contêtes los hombres de exterminarse unos à otros con mil trayciones y engaños, y de hazer muy cruel riça e estrago en mil generos de animales salvages y peregrinos, aun inventaron la liga para perseguir los paxarillos innocētissimós, que no offendèn à nadie, antes decoran el universo y con su muy dulce harmonia ordinariamente dan gratias y alabã al conditor del mundo».

Que os homens se exterminem uns aos outros ainda admite, ou, pelo menos, comprende Laguna, mas que se persigam os inocentissimos passarinhos, cujo único papel é embelezar o mundo e louvar o Criador, é maldade tão estúpida, que não pode ter explicação.

A planta *Atractyl* e as mulheres que não fiam (pág. 333):

«Llamase el huso en Griego *Atractos*, de onde vino à llamarse *Atractyl* aquella..... especie: por quanto las mugeres de los tiempos passados hazian de sus toscos ramos los husos, aun que hilaban harto mas delgado y mejor que las nuestras: las quales para hilar una hebra de lino en ciēt años, quieren ya las rucas de plata ò marfil, como personas que haviendo perdido el gusto à semejante exercicio, han menester mil apetitos y salsas para lo despertar: de suerte que al cabo del año cuestan más los instrumentos do que lo que importa el hilado».

A parte a constante falta de galanteria de Laguna, avulta o facto de que já há quatro séculos se tinham saudades dos *belos tempos passados*. Quando seria, afinal a idade do ouro, se é que ela algum dia existiu fora da imaginação dos eternos insatisfeitos?

As mulheres na guerra (pág. 353):

«Dieronla *Crateogono* por nombre los Griegos à la tal planta, porque tiene mero imperio sobre la simiente del hombre, pues la constriñe à engendrar varones: la qual propiedad si se tuviesse por cierta, devria ser muy estimada por todo el mundo, principalmente en estos calamitosissimos tiempos, en los quales con las continuas guerras que los devoran, ay tanta falta de hombres, que presto sera menester salgan las mugeres a pelear».

Terrivelmente profético o nesso grande doutor! Falharam as decantadas virtudes do *crateógono*; algunos sábios, ao contrario do que ardentemente apeteçem, ainda não dispõem da generalidade das mulheres, como se de cobaios se tratasse; por isso, na última guerra maldita já saíram as mulheres a pelear em corpo e alma.

A planta *Onosma* e os Calabreses (pág. 357):

«Gran bacillera es la naturaleza, pues dado que engendra una variedad increyble de plantas para hermostear el mundo, toda via de aque-

llas que impiden la generation del hombre, para el servicio del qual crio ella todas las cosas, produze notablemente muy pocas, y estas en remotos y escondidos lugares: como se vee por la Onosma, que por su mala inclination en pocas partes se halla, puesto que crece gran copia della en Calabria, y esto (segun dizen las malas lenguas), para que no multipliquen mucho los Calabreses, gente no muy bien quista en el mundo».

Por mais bacharela que seja a natureza, parece que não contou com a malignidade do espírito humano, capacissimo de burlar, como se tem visto, as suas mais salutaes cautelas e previsões.....

A planta Poligónato e a beleza feminina (pág. 379):

«El agua destilada de sus rayzes (do Poligónato), tiene gran efficacia en adelgazar y purificar el rostro: y ansi aprovechã della las honestas matronas de Italia para cõservarse en gratia de sus maridos y divertirles que no vayan à buscar fuera lo que tienen sobrado en casa».

O severo Laguna, se condena, e muito bem, as tentativas de embezoamento por processos irracionais, condenáveis e contraproducentes, admittê, como se vê, que a beleza feminina seja conservada e requintada por meio de processos naturais e eficazes.

A erva Ancusa e as pinturas femininas (pág. 390).

«Fueron muy conocidas antiguamente todas las especies de Ancusa, quando las mugeres no tenían otro remedio sino à ellas para dar biva color al rostro. Empero despues que el diablo las enseñó tantas mudas e affeytes, para mudarse como camaleones de quantas colores quieren, no tuvieran mas cuenta con ellas, y ansi cayeran de credito y fueron puestas poco a poco en olvido, como suele acaecer cada dia en los palacios de aquestos grandes señores y principes, adonde los que vieron ayer, porque saben por ventura lisongear con mas artificio y gratia, ò se pican de chocarreros, ò tienen otras artes de hombres esclavos, desprivan y dechan muchas millas à tras los criados viejos, que con afficion, lealtad y sollicitud sirvieron toda la vida y encanecieron sirviendo, con los cuales se puede consolar el Ancusa, pues la cupo tambien por suerte, de subjectar à la varia, & desatinada fortuna. La qual furia mas que infernal, aunque derribe de su grado & reputation las yervas, ansi como suele ordinariamente los hombres toda via por mas que haga y bravee, no les quitara su virtud, por cuyo respecto seran siempre solemnizadas».

Passava-se isto no Século XVI! E há quatro séculos espera a pobre e desprezado Ancusa que lhe façam justiça. Esta, porém, se tantas vezes tarda para os homens, não menos tarda para as ervas. Que ao menos, sirva a uns, e às outras, de consolação que as injustiças, por

mais dolorosas e profundas que sejam, partem de bases incompetentes ou indignas, da ignorância ou dos interesses ilegítimos, em todo o caso de origens impuras. E que o vulgo, principal vítima das injustiças que comete, é, afinal credor da piedade dos próprios sacrificados.

Urtigas vivas e mortas (pág. 438):

«La Galeopsis es una especie de aquella Hortiga, que suele llamarse muerta, porque ni muerde ni haze daño al que toca: el qual apellido le dio la gran malignidad de los hombres: los quales, al que no es reboloso ni sabe offender à nadie, antes sufriendo injurias y dando gratias por ellas, passa la pobre vida, dizen que no es deste mundo, sino un Juã de buena alma; de suerte que à aquellos tienen por muertos, que no biven para dañar al proximo, y aqueste mesmo juyzio hazen de las plantas y de los brutos, por donde vemos que llaman bivos y excellentissimos toros, à los que destripan en él corso cient hombres: y à los mansos por el contrario, bueyasos muertos».

Razão tem Laguna, ainda hoje. Ai daquele que for considerado tímido e inofensivo! Ele será desprezado e escarnecido, sobretudo pelas mulheres. Mais uma confirmação, entre mil, do que atrás foi dito a-propósito da Ancusa.

A planta *Phytheuma* e o amor (pág. 456):

«Pues se inclina mas à conciliar amor, enfermedad muy grave y aguda del animo, aquesta planta (*Phytheuma*), que à sanar las indisposiciones del cuerpo, pareceme que su inquisition toca mas a hechizeras y alcahuetas que à medicos: ansi la passaremos por alto».

Sigamos prudentemente o exemplo de Laguna.

A planta *Leontopodium* e ainda o amor (pág. 456):

«Empero poco importa saber como se llama esta planta (*Leontopodium*), pues no se halla in rerum natura, por razon que las hechizeras debẽ haver la talado toda para encender con ella tal llama de amor en los coraçones libres y descuydados, que ninguna cosa baste para amatalla».

É tão fácil tratar irónicamente o remédio, como perigoso escarnecer de tão perigosa doença.....

O vinho (pág. 502):

«.....da qual (a videira) no se si en beneficio nuestro, o en gran detrimento y daño, fue transpuesta y cultivada de los mortales. Porque si ponemos en una justa balança todos los inconvenientes y males que consigo acarrea el vino, y en otra todos los provechos que del se sacan, sindubda conoceremos ser sin comparacion aquellos mucho mas graves

y perniciosos que estotros utiles al linage humano..... Porque cierto no puede venir mayor daño, desventura ni desastre a un nacido, q̄ andarse todo cayendo, hablar mil desconciertos y desatinos, descubrir su secreto a quien no se le pide, encenderse en un fuego voluntario y dexarse yr à rienda suelta tras todo c genero de luxuria, y por dezir en suma, perder juntamente la razón y el sentido.....»

Razão tem Laguna; mas todo o mal vem de o homem nem sempre saber marcar bem os limites entre o uso e o abuso.

O ouro (pág. 525):

«Al oro pues assignan (los alquimistas) el Sol, por la gran conformidad y semejança que entre ellos hallan: visto que ansi como aquel espejo y ojo del universo, con sus rayos alegre y fortifica todo quanto ay criado; ni mas ni menos el oro, con su vista sola engendra increíble alegría, y dado à beber potable, introduze tanta fuerça, y vigor, que es bastante para resuscitar los muertos. Abuelas de las quales virtudes tiene una sola tacha, que es muy grande hechizero. Digolo porque todos los que le tratan, de tal suerte a el se afficionan, que arriscaran cuerpo y alma, solamente por abraçarle».

Se aqui não há uma disfarçada e subtil ironia, temos de concluir que o próprio Laguna não pode furtar-se inteiramente aos encantos do grande feiticeiro. Efectivamente, o grande médico, que sempre se acautela com um *dizen*, quando se trata de superstições, não faz aqui a menor restricção à crença nas virtudes fabulosas do ouro potavel.

O alvaiade e as mulheres pintadas (pág. 536):

«Llamase la Cerusa en nuestro vulgar Español, Alvalalde: la qual sin dubda el Demonio, enemigo capital de la naturaleza, introduxo en el uso de los mortales: para transformar las humanas criaturas con ella, de hermosas bolviendo feas, enormes, abominables. Por que cierto no es de creer, que sin grande induction diabolica, algunas simplezillas mugeres, dexando sus naturales, y muy agraciados gestos, busquen otros postizos, y de tal suerte anden enxalvegadas con affeytes puestos unos sobre los otros, que las podran facilmente cortar un muy bueno requeson de cada carrillo. Entre los quales muchas desventuradas, con tantas misturas y badulaques, han embetumado sus rostros, que los trahen ya bueltos de mil colores: conviene à saber unas de tornasol: otras de verde oscuro: otras de leonado y pardillo: y finalmente otras tinctos en lana: O locura perenal: ò tartarea invention: ò infernal costumbre. Puedese hazer otro mayor disparate, ò desatino en la vida, que menos preciando y teniendo en poco el don de la naturaleza (la qual como madre benigna, dio à cada criatura todo lo necessario en su

especie) cubrir el rostro natural y puro que recibieron della, cõ una hidiondez de emplastos, y cataplasmas? O que es lo que podra Dios dezir a las tales en el juyzio final quando delante del parecieren enmascaradas? Hermanas yo no os conozco, ni os tengo por mis criaturas. Porque los rostros que yo forme, no son essos. Ansi que el uso de alvalalde, ultra la gran corrupcion de dientes y hedor de boca que engendran, siendo administradas en affeyte, de fermosas buelve furias verdaderamente infernales. Por donde las doncellas y matronas honradas que precian su honestidad y hermosura, dexen tan malas artes para las cantoneras: las quales es bien que usen dellas, para que por su fealdad sean señaladas y conocidas. Ni quiero dezir tampoco, que no se laven y pulan las buenas: sino que pueden usar del cozimento de la cevada y de los altramuzes: del çumo de los limones: y de una infinidad de cosas que trahe Dioscorides muy limpias y delicadas, para purificar al rostro, sin andar hediendo a unguentos y emplastos».

Se nesta objurgatória de Laguna há alguma rabugisse, também há um grande fundo de verdade. Desde o principio do mundo (senão antes...) os moralistas se têm esfalfado na tarefa inglória e inútil de combater os artificios com que as mulheres pretendem, às vezes sem êxito (antes pelo contrário!) aperfeiçoar a sua beleza. Elas fazem-no, aliás, não por egoísmo, ou pura futilidade, mas para beneficio e regalo dos olhos masculinos. Os homens, que tanto criticam as mulheres, são, no fundo, os verdadeiros culpados dêsse defeito (se é que é defeito) das mulheres. Não se julgue, porém, que essa arte é um produto, bom ou mau, da civilização moderna, pois Laguna já a criticava há quatro séculos. O mesmo, para demonstrar que esse costume vinha já de muito mais longe, cita um episódio contado por Galeno, o qual demonstra que as Gregas *bem* na velha Atenas, já se pintavam desaforadamente... No que Laguna tem carradas de razão é em censurar asperamente que as mulheres, mal avisadas, usem produtos de beleza altamente nocivos à saúde e à própria beleza, em vez de produtos naturais inofensivos e salutaes. A chamada vaidade feminina sustenta hoje uma das indústrias mais prósperas e lucrativas do mundo. Uma rede tenaz e subtil urdida pela moda, que não é cega, nem desinteressada, exerce uma verdadeira tirania sobre as mulheres. Já que é impossível combatê-la eficazmente, ao menos tente-se orientá-la no bom sentido preconizado por Laguna. Entretanto, a acreditarmos na sua palavra (e longe de mim duvidar dela), todas estas considerações são dispensáveis e supérfluas pelo que diz respeito a esta bela Espanha, pátria das mais belas mulheres do mundo: «Mas gratias sean dadas a Dios, que nuestras damas de España son de si tan hermosas, que no tienen necesidad de curar el rostro, sino es con un poquillo de Soliman adobado, y de oropimente».

As safiras e os médicos (pág. 563):

Dado que se tiene tambien por Saphir, a qual que ordinariamente trahen por ornamento los medicos, procurando grangear con anillos, el credito y la reputación, que no pueden los desventurados con letras. De la qual pompa ganan, que los pobres enfermos, viendoles tan hinchados, y tan llenos de diges, no les osan dar poco, ni se atreven a los reprehender su ignorantia».

Por aqui se vê que a veia satírica de Laguna nem os colegas poupa. No que talvez tivesse muita razão, se atendermos às circunstâncias da época.

Venenos (pág. 572):

«Si los hombres mantuvieran entre si aquella fe y hermandad, que se guarda entre las mas feroces, y bravas fieras... ni Dioscorides tuviera occasion, de añadir este de los venenos mortiferos, à los cinco libros primeros, ni yo tampoco de traduzirle en nuestra lengua Española: Mas como el hombre no tenga mayor enemigo en esta vida que al hombre, ni de quien reciba mayores daños, siêdo del perseguido: no solamente con infinitas diversidades de armas diabolicas, empero tambien con cient mil generos de ponçoñas, de las quales no les es facil guardarse, por ser en esta parte muy inferior à las bestias».

Severo e justo é este juízo sobre a espécie humana. Que diria hoje Laguna, desde que gozamos todos os beneficios da benemérita, progressiva e brilhante civilização moderna. Armas diabólicas no século XVI!... Corroborando o seu triste conceito sobre os humanos, acrescenta adiante (pág. 601): «Empero la cosa va de tal suerte, que cada uno imita en el ladrar y morder a los perros, mas no en la fe y lealtad que guardan».

Misantropo, Laguna? Homem azedado pela adversidade, a incompreensão e a injustiça? Nada disso; apenas uma recta consciência, um espírito esclarecido e observador da cena do mundo, um desassombrado e sincero comentador das coisas e pessoas do seu tempo.

Propositadamente deixei para o fim as plantas, cujas propriedades maravilhosas são de mais instante necessidade nos tempos tão conturbados que estamos vivendo, e que, como já disse, têm tanta semelhança, atentas as devidas proporções, com os do século XVI.

A Oenotera e as feras (pág. 450):

«... porquanto los animales, y aun (segun Theophrasto) los hombres que la bevieren (a Onagra), de feroces se buelvẽ mansos, tractables y muy domesticos...»

Depois dos trabalhos de De Vries, a *Oenothera* ficou célebre por sobre ela se ter engendrado a teoria das mutações bruscas. Invoquemos os veneráveis manes de Teofrasto a ver se lhe são restituídas

as suas inapreciáveis propriedades sobre as feras humanas e as outras.

A Planta Lysimáquia e as discórdias (pág. 378):

«La Lysimachia se llamó así por haber sido hallada del Rey Lysimacho: ó por que echada sobre el jugo entre algunos bueyes rixosos, y discordes, los reduce à hermandad y concordia: la qual denota el vocablo de Lysimachia, que quiere dezir desbaratadora de lites, y controversias: La qual planta pluguiesse a Dios que tuviesse la mesma fuerza, en componer las contiendas, y differentias, entre nuestros Christianos Principes: Empero la ira y el furor de los brutos, facilmente se mitiga, y refrena: mas el de los hombres capaces de juyzio y razón, es por nuestros pecados indomeñable».

Repárese, além do resto, naquela acerada e finíssima ironia: homens capazes de juízo e de razão!...

O ciclamen e a concórdia universal (pág. 242):

«Entre otras virtudes suyas (segun dizen), tiene su rayz (do ciclamen) tambien esta que conglutina las voluntades de los que la comen o beven con las de aquellos que se la offerecen: pluguiera a Dios que se hallasse agora en estos calamitosos tiempos un remedio tan efficaz que bastasse à reconciliar los animos de los Christianos Principes, tan empedernecidos y encarniçados: y à reducirlos en una sancta y amigable concordia, entre los quales parece que Satanás ha sembrado una infernal zizania».

Ou aqui está o remédio para a tragédia em que se debate o mundo, ou já não há remédio nenhum. É preciso urgentemente reunir os membros da UNO em um banquete fraternal, onde, em lugar de trufas e caviar, sejam servidas raízes de ciclamen; em vez de *champagne*, *Whisky* ou *vodcka*, apenas água destilada da milagrosa *Oenotera*; e onde a mesa seja copiosamente florida, não de cravos, rosas ou orquídeas, mas de braçadas de *Lysimáchia*.

A não ser que a mãe natureza, cansada e desiludida, tenha resolvido castigar a ingratidão, a insensatez e orgulho dos homens, deixando-os à mercê das suas próprias obras suicidas, transferindo para outro mundo distante as propriedades maravilhosas daquelas plantas, que neste continuariam a «*ser por de mas y una cosa perdida*».